

Lição 5 - Imaginação. O que Ela Não É

TEXTO 427b27-428b9 - LIVRO III, CAPÍTULO III, CONTINUAÇÃO

IMAGINAÇÃO: O QUE ELA NÃO É

Acerca do entendimento, já que é uma coisa e a sensação é outra, enquanto a imaginação parece diferir de ambas e também da opinião, determinemos primeiro o que é a imaginação, e depois falemos da outra questão [a opinião]. § 637

Se, então, a imaginação é aquilo pelo qual dizemos que alguma fantasia surge em nós, segue-se (se não estamos falando metaforicamente) que ela é uma das faculdades ou disposições em virtude das quais percebemos e pronunciamos, seja falsa ou verdadeiramente. Tais faculdades são a sensação, a opinião, o conhecimento, o entendimento. §§ 638-40.

Que ela não é sensação é evidente. Pois a sensação é ou em potência ou em ato: a faculdade da visão, ou o ver efetivamente. Mas as aparências ocorrem quando nenhuma destas está presente; como quando sonhamos. § 641

Além disso, a sensação está sempre presente, em potência, em todos os animais que não são defectivos. Não é assim com a imaginação. § 642

Mas se fossem idênticas em ato, aconteceria que a imaginação estaria presente em todos os animais. Mas aparentemente não é assim — por exemplo, na formiga, na abelha, no verme. §§ 643-4

Novamente, as sensações são sempre verdadeiras: mas muitas fantasias são falsas. § 645

Novamente, não dizemos, quando estamos funcionando acuradamente em relação aos objetos sensíveis: 'isso *nos parece* um homem'; dizemos isso antes quando nossa sensação é indistinta; caso em que pode ser verdadeira ou falsa. § 646

E, como dissemos antes, tais aparências vêm aos homens durante o sono. § 647

E certamente não é uma das qualidades que são sempre verdadeiras, como o conhecimento ou o entendimento: pois a imaginação pode ser verdadeira ou falsa. § 648

Resta, portanto, considerar se é opinião. Pois a opinião pode ser verdadeira ou falsa. Mas a crença segue-se imediatamente à opinião, pois nunca se encontra um homem que não acredite na opinião

que lhe parece ser verdadeira. Mas não há tal coisa como crença entre os animais, embora haja imaginação em muitos. § 649

§ 650. Ademais: a crença está ligada a toda opinião e é devida à convicção, que, por sua vez, é devida ao raciocínio. Ora, a imaginação é encontrada em alguns animais; mas a razão, em nenhum.

§ 651. Portanto, é evidente, com base nisso, que nem a opinião que acompanha a sensação, nem a que se dá por meio da sensação, nem uma combinação de opinião e sensação constituirão a imaginação.

§ 652. E é claro que a opinião teria simplesmente os mesmos objetos que a sensação. Quero dizer que uma imaginação do "branco" seria uma combinação do "branco" sentido e da opinião de que é "branco". Pois não seria produzida por uma opinião do "branco" e uma sensação do "bom". Imaginar, então, seria ter uma opinião da mesma coisa que se sente — a mesma, absolutamente falando.

§§ 653-4. No entanto, são possíveis aparências falsas sobre as quais, ao mesmo tempo, se tem uma opinião verdadeira: de fato, o sol parece ter um pé de diâmetro, mas acredita-se ser maior que o mundo habitado. Portanto, ocorre que, ou se abandona a opinião verdadeira que se havia formado, permanecendo a coisa em si, e não se esquece nem se deixa de ter [essa opinião]; ou, se ainda a retém, a mesma deve ser ao mesmo tempo verdadeira e falsa. Mas uma [opinião] falsa é produzida se houver uma transformação não percebida nos fatos. A imaginação, portanto, não é nenhuma dessas coisas, nem é constituída a partir delas.

COMENTÁRIO DE SÃO TOMÁS

LIÇÃO CINCO

§ 637. Após dizer que a imaginação não é o mesmo que a opinião, ele começa a examiná-la em si mesma, primeiro enunciando a questão a ser tratada antes de prosseguir com ela em "Se então". Vimos, diz ele, que o entendimento difere da sensação, e que a opinião é afim ao primeiro, mas a imaginação, à segunda; e agora, tendo terminado com os sentidos, será conveniente discutir a imaginação antes de abordar os problemas bastante distintos relativos ao intelecto e à opinião.

§ 638. Em seguida, em "Se então", ele começa a tratar da imaginação, e isso em duas seções principais: primeiro, provando que a imaginação não deve ser enumerada entre aquelas potências ou disposições cognitivas pelas quais discernimos a verdade do erro, ou julgamos as coisas como verdadeiras ou falsas; e depois, em "Mas, visto que pode acontecer", explicando o que de fato é a imaginação. A primeira seção subdivide-se em três. Para começar, ele enumera nossas várias potências ou modos de discernimento; em segundo lugar, mostra que a imaginação não é uma delas; e, em terceiro lugar, que ela não é nem mesmo uma combinação de quaisquer delas — esta parte começa em "Portanto, é evidente".

Primeiro, então, ele observa que se é através da imaginação que nos tornamos conscientes dos fantasmas ou aparências (a menos que o termo "fantasma" seja tomado metaforicamente), a

imaginação pareceria ser uma daquelas disposições ou potências cognitivas pelas quais as coisas são percebidas juntamente com suas diferenças, ou são julgadas de acordo com este ou aquele aspecto, verdadeira ou falsamente, i.e., com um juízo correto ou errôneo. (Não que a própria aparência seja o mesmo que este discernir ou julgar.) Ora, parecem haver quatro potências ou disposições das quais procede tal discernimento ou juízo: o sentido, o entendimento, a opinião e o conhecimento científico. A imaginação, então, é aparentemente uma dessas quatro.

§ 639. Aristóteles menciona essas quatro como já sendo familiares. Outros fatores (como parecem ser) na cognição ainda, na época em que escrevia, não eram definidos com certeza. Mas, tendo já distinguido a sensação do intelecto, ele pode enumerar aqui três fatores distintos do sentido: entendimento, opinião e conhecimento científico. Tampouco está ele, aparentemente, falando do entendimento como faculdade (i.e., do intelecto); do contrário, não seria separado da ciência e da opinião, que pertencem a ele como faculdade. Mas "entendimento" significa aqui uma apreensão infalível, imediata e intuitiva de tais objetos inteligíveis como os primeiros princípios do conhecimento; enquanto "conhecimento científico" significa conhecimento certo obtido por investigação racional; e "opinião" significa um conhecimento que fica aquém da certeza científica.

§ 640. E ao chamar a imaginação de uma dessas "disposições ou potências", ele implica que os fatores cognitivos aqui mencionados são ou hábitos ou potências. Quanto a serem esses quatro fatores os únicos princípios de cognição conhecidos pelos primeiros filósofos, nossa evidência é a teoria de Platão, que reduziu apenas esses quatro a números — entendimento a 1, ciência a 2, opinião a 3, sentido a 4.

§ 641. Em seguida, quando ele diz "Que não é", ele distingue a imaginação de todos os quatro acima: primeiro da sensação, depois do entendimento e da ciência e, finalmente, da opinião. Quanto à sensação, ele começa provando que a imaginação não é um dos sentidos, nem em potência nem em ato. Pois a imaginação está ativa durante o sono. Isso não pode ser devido a nenhum sentido como em potência, estado no qual os sentidos não têm consciência de nada; nem a nenhum sentido como em ato, pois no sono os sentidos não estão em ato. Portanto, a imaginação não é nem um sentido em potência nem um sentido em ato.

§ 642. Em seguida, em "Ademais, etc.", ele argumenta como segue para mostrar que a imaginação não é um sentido em potência. Este último é sempre encontrado nos animais, mas a imaginação, que implica uma consciência das aparências, às vezes falta. Portanto...

§ 643. Em seguida, em "Mas se, etc.", ele dá quatro razões para distinguir a imaginação dos sentidos como em ato. (1) O sentido como em ato é encontrado em todos os animais, i.e., animais irracionais; de modo que, se fosse o mesmo que a imaginação, esta seria encontrada em todos os animais irracionais, o que de fato não é verdade; pois nem as formigas, nem as abelhas, nem os vermes têm imaginação. Portanto...

§ 644. Mas note-se que todos os animais têm imaginação em algum sentido do termo; mas os animais inferiores a têm de modo indeterminado, como Aristóteles explicará mais tarde. E se as formigas e as abelhas parecem diferir nesse aspecto dos outros animais inferiores, por meio de seu aparente exercício de uma grande quantidade de inteligência, a verdade é, no entanto, que as formigas e as abelhas se comportam de maneira tão inteligente, não porque estão conscientes de

imagens definidas distintas das sensações exteriores, mas por um instinto natural; pois elas só imaginam enquanto estão realmente recebendo impressões sensíveis. Suas atividades propositas e, por assim dizer, providentes não surgem de nenhuma imagem do que vai acontecer no futuro; apenas suas atividades presentes são representadas interiormente a elas, e é um instinto natural, e não qualquer apreensão distinta, que ordena essas atividades a um fim. Por outro lado, diz Aristóteles, aqueles animais têm imaginação no sentido preciso do termo que retêm uma imagem distinta das coisas mesmo enquanto não estão realmente sentindo as coisas.

§ 645. (2) Este argumento começa em 'Além disso, as sensações'. Os sentidos, no ato de sentir, são sempre verídicos; não podem errar quanto a seus objetos próprios. Mas os fantasmas são muitas vezes enganosos, quando não há nada real que lhes corresponda. Portanto, a imaginação é distinta de todo sentido em ato.

§ 646. (3) Este argumento vem em 'Além disso, não dizemos'. Quando, movidos por uma experiência sensorial real, agimos imediatamente e sem hesitação, nunca dizemos, por exemplo, 'Isso nos parece um homem'. É mais provável que falemos assim quando estamos incertos, como quando vemos coisas à distância ou no escuro. E nesses casos, a sensação real é verdadeira ou falsa. Pois os sentidos (seja qual for o sentido que nos faz perceber um homem) são, de fato, às vezes enganados quanto ao seu objeto indireto. Ele acrescenta isso para mostrar a afinidade entre a imaginação, que também pode ser verdadeira ou enganosa, e as sensações obscuras. Mas assim que temos certeza de que estamos apenas imaginando, dizemos 'parece ser um homem', e que não sabemos com certeza que é um homem. Portanto, a imaginação é distinta de todo sentido em ato.

§ 647. (4) Além disso, os fantasmas surgem durante o sono, quando os sentidos não estão em ato. Portanto, um fantasma não é uma sensação atual.

§ 648. Em seguida, quando ele diz 'E é certamente', mostra a diferença entre a imaginação e o simples entendimento e a ciência. O simples entendimento diz respeito aos primeiros princípios, e a ciência, às conclusões demonstradas; e estes são sempre verdadeiros. Mas as imagens são frequentemente falsas; portanto, a imaginação não é nem simples entendimento nem ciência.

§ 649. Depois, em 'Resta', ele mostra que a imaginação não é opinião (o que poderia parecer, pois a opinião também é às vezes falsa) por dois argumentos. (1) O resultado da opinião é a crença, se é natural acreditar nas próprias opiniões. Se a crença não é encontrada em animais brutos, é porque eles não têm opiniões. Mas muitos animais brutos, como ele disse, têm imaginação. Portanto, a imaginação não é opinião.

§ 650. (2) (Em 'Além disso, a crença etc.')

A crença sempre segue a opinião (como dissemos) porque naturalmente se acredita nas próprias opiniões. E o estado de estar persuadido é o resultado da crença; acreditamos naquelas coisas das quais estamos persuadidos. Ora, a persuasão é sempre acompanhada de inferência racional, pois é preciso ter alguma razão para estar persuadido de algo; portanto, do início ao fim, o raciocínio acompanha a opinião. Mas, enquanto alguns animais brutos têm imaginações, nenhum deles tem razão. A imaginação, então, é distinta da opinião. Obviamente, este argumento confirma o que o anterior pressupõe, ou seja, que os animais brutos carecem de crença.

§ 651. Então, em 'É, portanto, evidente', ele mostra que a imaginação não é uma combinação de nenhum dos fatores mencionados acima; e, mais particularmente, que não é, como poderia parecer plausível, uma combinação de sensação e opinião. E aqui ele faz três coisas. Primeiro, ele afirma sua conclusão, como uma inferência adicional do que foi dito: que, como a imaginação não é nem um dos sentidos nem opinião, podemos ver que ela não é opinião mais sensação — i.e., uma opinião essencialmente, mas com uma sensação concomitante; nem opinião através da sensação — i.e., uma opinião essencialmente, mas causada pela sensação; nem uma mistura de ambos, como se ambos fossem de sua essência. Ele não diz que a imaginação não é sensação mais opinião, porque aparentemente tem mais a ver com a opinião, que pode ser falsa, do que com a sensação, que é sempre verdadeira.

§ 652. Em segundo lugar, em 'E é claro', ele mostra o que o termo opinião significaria se fosse verdade que a imaginação é uma mistura de sensação e opinião. Pois, como uma imagem é sempre de alguma coisa definida, e de nada mais ao mesmo tempo, então claramente a opinião que, unida à sensação, era um ato de imaginação, diria respeito simples e exclusivamente ao único objeto apresentado a ela pela sensação. É como se alguém dissesse, por exemplo, que a imaginação combinou uma opinião de brancura e uma sensação de brancura; ela não poderia combinar uma opinião de brancura e uma sensação de bondade; pois, nesse caso, o objeto imaginado não seria um e o mesmo. Portanto, se imaginar é combinar opinião e sensação, estar ciente de imagens é simples e exclusivamente ter como objeto da própria opinião o objeto direto de uma sensação; de modo algum o objeto indireto dessa sensação.

§ 653. Em terceiro lugar, em 'Aparências falsas', ele refuta a hipótese acima. Pois pode acontecer que imagens derivadas da sensação nos apresentem falsidades das quais, no entanto, formamos uma opinião verdadeira. Assim, nossos sentidos nos dizem que o sol mede apenas um pé de diâmetro; o que é falso. Mas por nossa opinião verdadeira acreditamos que ele é maior que 'o mundo habitado', i.e., que toda a nossa terra. No entanto, na hipótese de que as aparências-imagem são apenas uma opinião unida à sensação, uma de duas consequências deve se seguir. A primeira é que, no ato de unir opinião e sensação, rejeitamos a opinião verdadeira que mantínhamos até então, enquanto a própria coisa, da qual formamos nossa opinião, 'permanece', i.e., permanece exatamente a mesma; e nós mesmos nem esquecemos nem cessamos de estar persuadidos daquela opinião verdadeira. Mas isso é impossível; pois há apenas três maneiras pelas quais uma opinião verdadeira, uma vez mantida, pode ser perdida: (a) Quando o próprio objeto muda — como quando opinamos verdadeiramente que Sócrates está sentado enquanto ele está sentado; mas se, quando ele deixa de se sentar, retemos essa opinião, ela muda de ser uma opinião verdadeira para ser falsa; (b) Quando deixamos de ter uma opinião que tínhamos porque a esquecemos; e (c) Quando deixamos de ter uma opinião que tínhamos porque, por alguma nova razão, deixamos de pensar que ela é verdadeira. É impossível perder uma opinião se nenhuma dessas condições se realiza; e, no entanto, é isso que a primeira alternativa envolve.

§ 654. E há apenas uma outra alternativa concebível; que é a opinião verdadeira ser retida juntamente com a falsa; o que significaria que, como a aparência-imagem é idêntica à opinião (como deve ser se imaginar é opinar), a mesma aparência-imagem é tanto verdadeira quanto falsa. E se de verdadeira torna-se falsa, então a 'transformação' do objeto, i.e., sua alteração do que era antes, deve estar oculta para aquele que tem a opinião; caso contrário, assim que o objeto alterasse, a opinião também alteraria e, portanto, não seria falsa. Ele acrescenta isso para explicar sua observação anterior, sobre a 'permanência' do objeto. E sua conclusão é que a imaginação não

é nem um dos quatro fatores mencionados acima no conhecimento, nem qualquer combinação deles.

Revision #1

Created 4 October 2026 20:01:06 by Admin

Updated 4 October 2026 20:01:49 by Admin